

As teorias enunciativas e a linguística no Brasil: o lugar de Émile Benveniste *

Valdir do Nascimento Flores **

Resumo

Este texto busca, em um primeiro momento, contar a história da recepção da teoria enunciativa de Émile Benveniste na linguística brasileira. Busca-se explicar como a linguística brasileira leu a teoria enunciativa de Benveniste. Em seguida, o artigo apresenta alguns operadores de leitura da teoria de Benveniste que, na opinião do autor, são responsáveis por uma nova interpretação da teoria no contexto da linguística brasileira.

Palavras-chave

História da linguística brasileira; Émile Benveniste; enunciação

Abstract

This text aims firstly at giving an account of the reception of the theory of enunciation, by Émile Benveniste, in Brazilian linguistics. It also intends to explain how Brazilian linguistics has read Benveniste's theory of enunciation. Then, the article presents some of Benveniste's reading operators, which, according to the author of the article, are responsible for a new understanding of that theory in the context of Brazilian linguistics.

Keywords

History of Brazilian linguistics; Émile Benveniste; enunciation

* Artigo de autor convidado para o dossiê. Este texto reproduz, com algumas alterações, a conferência "Les theories énonciatives et la linguistique au Brésil: le rôle d'Émile Benveniste", proferida em sessão de abertura do segundo dia do Colóquio "Les théories énonciatives aujourd'hui: Benveniste après un demi-siècle", ocorrido entre os dias 24 e 25 de novembro de 2011, na Université Paris Est, Marne-La-Vallée, Paris, França.

** Professor de Linguística no PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador-Pq-CNPq.

*O homem não foi criado duas vezes,
uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem.*
Émile Benveniste

Introdução

Este texto está dividido em duas partes. Na primeira parte, busco reconstituir, em linhas gerais, a história da recepção da teoria enunciativa de Émile Benveniste na linguística brasileira. Nesse ponto, tento responder à seguinte pergunta: como a linguística brasileira leu a teoria enunciativa de Benveniste?

Na segunda parte, apresento alguns operadores de leitura da teoria de Benveniste que, em minha opinião, são responsáveis por uma nova interpretação da teoria no contexto da linguística brasileira.

1. Émile Benveniste no Brasil

A linguística brasileira começou a estudar as teorias enunciativas no final dos anos setenta. Mas é durante os anos oitenta que os linguistas brasileiros, efetivamente, utilizam as teorias da enunciação para estudar fenômenos linguísticos do português. Portanto, é muito recente a presença da enunciação no Brasil.

Essa presença tem especificidades que decorrem da maneira como, nessa época, a linguística brasileira tratou o campo enunciativo.

No Brasil, as teorias da enunciação receberam uma leitura muito particular. Algumas foram identificadas à pragmática, outras à análise do discurso e outras à linguística textual. Com isso, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de o surgimento do campo da enunciação no Brasil ter acontecido, de certa forma, mediado por outras disciplinas dos estudos da linguagem.

Assim, podemos dizer que houve uma espécie de “utilização” do aparato metodológico das teorias enunciativas sem a incorporação da epistemologia subjacente aos modelos.

Os linguistas brasileiros, nos anos oitenta e mesmo nos anos noventa, utilizaram

as teorias da enunciação levando em conta apenas o potencial descritivo dos modelos, mas sem se preocupar com o fundamento epistemológico de base que os sustentam.

Esse é o caso da leitura feita pelos linguistas brasileiros da teoria enunciativa de Émile Benveniste. Em nossa opinião, Benveniste não foi lido, inicialmente, com o objetivo de compreender a complexidade de seu pensamento sobre a linguagem. Na verdade, Benveniste foi lido apenas para servir de apoio para alguma outra teoria. No Brasil, durante os anos oitenta, Benveniste serviu de apoio para a Pragmática, para a Análise do Discurso e para a Linguística Textual.

Os pesquisadores do campo da Pragmática citam normalmente o texto *A natureza dos pronomes* e se limitam a ver nos pronomes uma marca da dêixis. Eles esquecem de os associar à distinção que Benveniste faz entre pessoa/não-pessoa. Os linguistas da Pragmática esquecem, em linhas gerais, que os pronomes são um ponto de apoio para Benveniste falar de uma noção que vai além da classe dos pronomes. Benveniste fala em algo que “é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem.” (BENVENISTE, 1988, p. 277). Benveniste, através dos pronomes, fala, portanto, sobre a universalidade da singularidade da presença do *homem na língua*.

Os pesquisadores da Análise do Discurso também citam Benveniste. Mas, agora, o objetivo é fazer uma crítica às noções de *sujeito* e *subjetividade*. A Análise do Discurso (AD), no Brasil, de um lado, reconhece que Benveniste é responsável por incluir a reflexão sobre o sujeito nos estudos da linguagem, mas, de outro lado, a AD critica essa noção. Na opinião dos analistas do discurso brasileiros, o sujeito, em Benveniste, tem natureza psicológica, egocêntrica, idealista.

Os analistas do discurso encontram apoio para as suas críticas, especialmente nos textos *As relações de tempo no verbo francês*, *Da subjetividade na linguagem* e *O aparelho formal da enunciação*.

Em *As relações de tempo no verbo francês*, a crítica da Análise do Discurso é feita sobre a distinção entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso*. Em *Da subjetividade na linguagem*, os Analistas de Discurso encontram o que consideram “a” prova da perspectiva egocêntrica de Benveniste em passagens como “É ‘ego’ que diz ‘ego’” (BENVENISTE, 1988, p. 286). Em *O aparelho formal da enunciação*, a crítica é

feita em relação à ideia de *apropriação*. É importante lembrar, ainda, que a Análise do Discurso no Brasil é, nessa época, fortemente apoiada em uma visão marxista das relações de sentido na linguagem. Logo, a crítica está muito ligada ao campo político.

Os pesquisadores da Linguística Textual brasileira, por sua vez, também estudaram Benveniste. Mais uma vez, o interesse não foi entender o pensamento de Benveniste, mas apenas usar os estudos da enunciação para apoiar as descrições do texto. No campo da Linguística Textual, encontram-se somente algumas referências aos estudos do verbo e do pronome, porque, por meio deles, a Linguística textual pode descrever marcas de temporalidade, de coesão textual, de modalidades, etc.

Ora, a presença de Benveniste na Linguística Textual é, do ponto de vista teórico-metodológico, semelhante à presença de Benveniste nos estudos pragmáticos: enfatiza-se o aspecto descritivo da teoria sem incorporar a reflexão que lhe é subjacente.

Em resumo, e para concluir a primeira parte, gostaríamos de destacar que, sem dúvida, existe um reconhecimento de uma certa importância da teoria enunciativa de Benveniste na linguística brasileira. No entanto, esse reconhecimento ou é acompanhado de críticas – é o caso da interpretação da ideia de *sujeito* feita pela Análise do Discurso –, ou é acompanhado de certa superficialidade da abordagem – é o caso da Pragmática e da linguística Textual.

Concluimos disso que, em um primeiro momento, a linguística brasileira, até atribuiu alguma importância à reflexão benvenistiana, mas não a avaliou adequadamente, ou porque a associou a outro campo teórico (pragmático, textual ou discursivo), ou porque não se dedicou a entender a complexidade da teoria na sua imanência.

Em outras palavras, a forma como a linguística brasileira apropriou-se do sistema conceitual de Benveniste fez com que esse sistema valesse, cada vez, em uma configuração epistemológica diferente, mas não em sua própria configuração epistemológica.

De certa maneira, o surgimento dos estudos enunciativos no contexto brasileiro, ao menos da forma como apresentamos até agora, foi relativamente adverso. Isso, porém, não impediu os especialistas de se interessarem, mesmo que de forma indireta, pelo campo da enunciação.

2. Elementos para uma outra interpretação da teoria no contexto da linguística brasileira

Fizemos, até agora, uma espécie de balanço da presença de Benveniste na linguística brasileira. Passamos, a seguir, à segunda parte deste trabalho, em que buscamos situar a leitura que a teoria enunciativa de Benveniste tem recebido, no Brasil, nos últimos anos. Essa leitura é mais preocupada em contemplar o sistema conceitual do autor. Nesse caso, não se trata mais de comparar Benveniste com outros campos da linguística. O interesse, agora, é na reflexão que o autor produz.

Neste momento, a pergunta que nos guia é: como foi possível reler Benveniste, nos últimos anos, no Brasil?

Antes de iniciarmos à exposição dessa releitura cabe uma observação: o que apresentamos adiante é algo muito modesto e diz respeito a uma forma muito particular de ler Benveniste, uma forma construída em mais de vinte anos dedicados ao ensino da linguística de Benveniste. Nossa experiência decorre desse ensino e também da produção de algum material de referência (dicionários, manuais de introdução, teses e dissertações acadêmicas). Assim, é preciso ver que não falamos em nome dos linguistas brasileiros, porque um ponto de vista que reflita a opinião de um conjunto de linguistas sobre a linguística enunciativa de Benveniste não existe no Brasil. A exemplo do que diz Benveniste, em *A forma e o sentido na linguagem*, é necessário ver que não trago aqui qualquer coisa como o ponto de vista dos linguistas; um tal ponto de vista que seja comum ao conjunto ou ao menos a uma maioria de linguistas não existe” (Benveniste, 1989, p. 220-221). Logo “quem fala aqui o faz em seu nome pessoal e propõe pontos de vista que lhe são próprios” (BENVENISTE, 1989, p. 221)

Assim passamos a apresentar alguns pontos que, cremos, foram decisivos para a instauração de uma outra forma de ler a teoria.

2.1 A admissão de que a obra de Benveniste ultrapassa o campo da enunciação

Embora o nome de Benveniste seja ouvido, especialmente, em discussões ligadas ao campo dos estudos do discurso, em sentido amplo, não é nem justo nem correto ignorar que sua reflexão transcende o que se entende hoje pelo rótulo “estudos do discurso”

Por isso, quando se estuda Benveniste, é necessário precisar qual parte de sua obra está em exame, porque Benveniste tem uma obra que ultrapassa o campo da enunciação. Estudar essa obra implica fazer recortes e constituir um *corpus* textual de

referência a partir do qual uma pesquisa pode ser desenvolvida. Em outras palavras há uma *obra benvenistiana*. Do conjunto da obra, entendido como um *corpus* inicial formado por fontes de diferentes naturezas, recorta-se, com base em objetivos específicos, um *corpus textual de pesquisa*.

Benveniste produziu um pensamento absolutamente singular cuja complexidade somente poderia ser contemplada em um estudo epistemológico exaustivo. Sua obra contempla uma infinidade de temas: linguística geral, fenômenos diacrônicos, sintáticos, lexicais, culturais etc. Há também temas que mostram uma verdadeira interação com áreas conexas aos estudos da linguagem (filosofia, psicanálise, sociologia, antropologia, teorias da cultura, da lógica). Inúmeras são as fontes de Émile Benveniste. Através delas, o autor diz muito sobre fonologia, sintaxe, semântica, morfologia, pragmática e sobre outros tantos níveis da análise linguística e de sua relação com outras áreas.

Então, uma conclusão se impõe: é necessário escolher um ponto de vista a partir do qual se torna possível selecionar o *corpus textual de pesquisa*. Do ponto de vista aqui assumido, apresentamos uma possibilidade de entendimento do que se convencionou chamar a *teoria da enunciação* de Benveniste. Conseqüentemente, o *corpus* a partir do qual são feitas as observações à frente é constituído por um conjunto de textos reunidos em *Problemas de linguística geral I e II*.

2.2 O entendimento de que é preciso instaurar um ponto de vista de leitura

Partimos do princípio epistemológico segundo o qual a teoria enunciativa benvenistiana pode ser lida como uma rede de termos, noções e conceitos que estão ligados entre si, por meio de relações hierárquicas, paralelas, transversais etc. Nesse sentido, boa parte dos conceitos, termos e noções estabelecidos pelo autor depende dessas relações para que a teoria possa ser interpretada. A conclusão novamente é óbvia: não cabe estudar, em Benveniste, um elemento sem levar em consideração a constelação que ele forma com outros. Admitido este raciocínio, vê-se que há, em Benveniste, conceitos, termos e noções cuja compreensão decorre das relações que estes mantêm com outros conceitos, termos e noções. Não há como, nessa teoria, estudar um elemento isoladamente.

Certamente, as relações – hierárquicas, paralelas, transversais – variam na medida em que variam os termos que servem como ponto de partida. Poderíamos inclusive questionar a pertinência do que é apresentado como termo relacionado. Isso é

de menor importância para o que estamos explicando. Na verdade, defendemos a existência das relações sem, no entanto, defendermos que elas se configurem dessa ou daquela forma. É secundário, ao menos neste momento, o fato de se aceitar, ou não, qual termo integra cada conjunto de relações. O essencial é perceber que a reflexão benvenistiana não pode ser lida de maneira linear.

2.3 Cabe trabalhar com “momentos temáticos” da reflexão de Benveniste

Creemos que a reflexão sobre a enunciação, desenvolvida por Benveniste durante quarenta anos, admite uma divisão temática, embora essa divisão não coincida, necessariamente, nem com a cronologia dos textos, nem com algo que poderia ser chamado de *fases* da teoria.

Consideremos a famosa distinção das categorias pessoa/não pessoa. Ela é bastante comum nos artigos ligados ao estudo do verbo e do pronome, produzidos nas décadas de quarenta e cinquenta, e é menos comum nos textos posteriores. Uma rápida consulta aos textos presentes nos dois tomos de *Problemas de linguística geral* nos possibilitou fazer um pequeno levantamento: encontramos o termo *não pessoa* em vários textos da década de quarenta e cinquenta e apenas em um texto da década de sessenta. Isso é, sem dúvida, um indicativo importante.

Podemos perguntar, então: por que Benveniste, na medida em que progride em sua pesquisa sobre enunciação diminui a ênfase sobre a dicotomia pessoa/não pessoa? Essa pergunta recebe maior importância se consideramos que, nos textos da década de sessenta, são elaboradas noções importantes como *semiótico*, *semântico* e, na década de setenta, é elaborada a noção de *aparelho formal da enunciação*. Acreditamos, então, que existem núcleos temáticos em torno dos quais estão associados noções, termos e conceitos.

Um primeiro exemplo. Em torno da distinção pessoa/não-pessoa circulam muitos conceitos, noções e termos: *correlação de pessoalidade*, *correlação de subjetividade*, *eu*, *tu*, *ele*, *enunciação de discurso*, *enunciação histórica*, *tempo linguístico*, *signos vazios*, *signos plenos*, *locutor*, *homem*, *sujeito*, *indicadores de subjetividade*, *dêixis*, entre muitos outros.

Um segundo exemplo. Em torno da distinção semiótico/semântico encontramos: *forma*, *sentido*, *sintagmação*, *semantização*, *frase*, *palavra*, *atualização*, *língua-discurso*, *discurso*, *enunciado*, *referência*, *metassemântica*, *translinguística*, *semiologia*

de segunda geração, etc.

Um terceiro exemplo, ainda, pode ser dado. Se consideramos a noção de *aparelho da enunciação*, vemos que em torno dela há muitos outros termos: *aparelho formal da língua, apropriação, realização vocal, semantização, quadro figurativo, diálogo, índices específicos, procedimentos acessórios, enunciação*, entre outros.

Finalmente, a título de quarto exemplo – este bem mais ilustrativo – analisemos a maneira como o *Dicionário de linguística da Enunciação* (FLORES et alii, 2009) posiciona-se quanto a essas relações, tomadas como um conjunto de conceitos sistematicamente relacionados entre si. Em outras palavras, se podemos dizer que a teoria de Benveniste aceita ser lida como uma complexa rede conceitual cujos termos e noções estão interligados a partir de diferentes relações, como o *Dicionário* apresenta essa rede?

No *Dicionário*, essas relações são contempladas, no interior do verbete, no campo *Termos relacionados*¹. Assim, o termo “enunciação” é *Termo relacionado* de 11 outros termos do *Dicionário*. Considerando-se um universo de 58 termos de Benveniste constantes no *Dicionário*, conclui-se que a compreensão de cerca de 20% dos termos da teoria enunciativa de Émile Benveniste está, nessa perspectiva, na dependência direta do termo “enunciação”. Disso, conclui-se também que esse termo ocupa lugar de destaque na teoria.

Observemos mais de perto as implicações que uma informação dessa natureza tem relativamente à leitura da teoria. Consideremos apenas uma ocorrência de “enunciação” como *Termo relacionado*: no verbete “Intersubjetividade”.

Em “intersubjetividade”, encontramos remissão, além de a “enunciação”, também a “pessoa” e a “subjetividade”. Como o *Dicionário* não explicita a natureza das relações entre os termos, é aos campos *Definição* e *Nota explicativa* que devemos recorrer para melhor entendimento das relações².

¹ Vale lembrar que, no *Dicionário*, o campo “termos relacionados” é limitado a um grupo de, no máximo, três termos, em função dos fins didáticos do *Dicionário*.

² Observemos a estrutura do verbete do DLE, aqui sintetizada a partir do que é apresentado no “Guia do Usuário” (Flores et alii, p. 31-32):

- 1- Termo: expressão relevante coletada na(s) obra(s) do autor. O número ao lado do termo indica que a mesma forma, com sentido diferente, ocorre em outros autores. Classificação gramatical do termo ou expressão (s.f. = substantivo feminino).
- 2- Classificação gramatical do termo
- 3- Nome: autor/teórico em foco.
- 4- Outras denominações: variante do termo verificada na obra do mesmo autor.

Na *Definição*, encontramos sobre “intersubjetividade”: “inter-relação constitutiva da *enunciação* que pressupõe o eu e o outro mutuamente implicados” (FLORES et ali 2009, p. 146. Grifo nosso). Logo a seguir, em *Nota explicativa*, há: “O tema da intersubjetividade é recorrente em Benveniste, porém, o uso da palavra intersubjetividade é menos comum se comparado à *subjetividade* e à *pessoa*.” (FLORES et ali 2009, p. 146. Grifo nosso).

De imediato encontramos distribuídos entre a *Definição* e a *Nota explicativa* os três termos que constam de *Termos relacionados* e a natureza das relações entre eles começa a se explicitar.

Diz, ainda, o *Dicionário*: “intersubjetividade é apresentada por Benveniste como uma ‘condição’ da experiência humana inerente à linguagem. Essa experiência se reflete na língua” (FLORES et alii, 2009, p. 146. Grifo nosso). E conclui:

Em suma, a *Teoria da Enunciação de Benveniste tem como fundamento a noção de intersubjetividade*, já que é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, e essa condição está na dependência da existência do outro. Como exemplo, pode-se considerar que a intersubjetividade se marca na língua pela relação de oposição pessoa eu/ pessoa não-eu, distinção necessária à noção de unicidade de cada uma das pessoas. Essa unicidade se apresenta em uma relação complementar, que é intrínseca à relação de subjetividade - há pessoa subjetiva porque há pessoa não subjetiva, relação que pode inverter-se. *Intersubjetividade é, então, noção primeira, pressuposta, epistemologicamente, pela noção de subjetividade.* (FLORES et ali 2009, p. 146. Grifos nossos).

Ora, a partir disso podemos compreender que “intersubjetividade” é termo de maior importância, uma vez que é “noção primeira, pressuposta epistemologicamente”.

Assim, uma continuidade de pesquisa que esta proposta de interpretação da teoria benvenistiana proporciona seria a de ver como se organizam os termos e as definições entre si. Que relações há entre eles? Que primitivos teóricos o autor elege para o seu modo de pensar? Enfim, que conhecimento sobre a linguagem o autor supõe?

2.4 A teoria enunciativa benvenistiana não é um modelo acabado

Gostaríamos de lembrar que a expressão *teoria da enunciação* é ignorada por

-
- 5- Definição: coletada na(s) obra(s) do autor e/ou elaborada pela equipe responsável.
 - 6- Fonte da definição: indica a fonte consultada conforme codificação
 - 7- Nota explicativa: informações que complementam a definição.
 - 8- Fonte da nota: indica a fonte consultada conforme codificação.
 - 9- Leitura recomendada: fontes que podem complementar as informações oferecidas sobre o termo.
 - 10- Termos relacionados: outros termos presentes no dicionário (no máximo três) que, em conjunto com o termo em foco, integram uma rede de noções afins de um mesmo autor. Sua consulta amplia a compreensão da noção em foco no verbete. Todos os itens indicados como “termos relacionados” correspondem a verbetes com informações completas.

Benveniste e, se li bem os *Problemas*, não há uma só ocorrência desse sintagma em seus artigos. O que se poderia considerar mais próximo do sintagma *teoria da enunciação* é a ocorrência de *semântica da enunciação* no final de *Semiologia da língua* (BENVENISTE, 1989, p. 67).

Pode-se, inclusive, dizer que a chamada *teoria da enunciação*, de Benveniste, é mais uma dedução feita, *a posteriori*, pelos leitores dos artigos que estão reunidos em *Problemas de linguística geral* do que propriamente um propósito explícito de Benveniste.

Com isso, consideramos que não se deve atribuir a Benveniste a atitude deliberada de fazer uma *teoria*, a da *enunciação*. Benveniste não parece ter intencionado escrever uma teoria: nenhum de seus depoimentos autoriza pensar que ele se dedicava a construir uma teoria acabada, tal como se vê hoje em outros autores. A designação *teoria da enunciação* para o trabalho de Benveniste sobre a enunciação não deve ser entendida no sentido de um modelo acabado, ou mesmo de um modelo em construção. A palavra *teoria*, nesse contexto, não tem o mesmo sentido que se pode ver, por exemplo, no sintagma *teoria gerativa*, por exemplo.

O entendimento disso é de grande importância, quando lemos Benveniste, porque esse aspecto coloca a reflexão do autor numa posição bastante incomum na Linguística. Além disso, não há a proposição explícita de um modelo a partir do qual Benveniste fez todas as suas análises.

Consequentemente, cada texto tem sua lógica particular. Eles não podem ser vistos como um conjunto coeso de proposições teóricas e metodológicas. Ao contrário disso, cada texto de Benveniste propõe categorias específicas de análise, teoriza sobre elas e desenvolve as análises dentro desses limites. Cada texto encerra, em si, maneiras específicas de analisar as línguas, a língua e a linguagem.

Disso decorre uma constatação: os textos nos quais Benveniste reflete sobre a enunciação não são comparáveis entre si. Não deixa de causar estranhamento, quando se vê, geralmente em trabalhos acadêmicos, a passagem de um texto a outro como se tratassem do mesmo assunto. Essa planificação das diferenças que há entre os textos, acredito, revela desconhecimento do conjunto do qual fazem parte. Em outras palavras, há dentro de cada texto, tomado em sua lógica particular, potencialidades teóricas e analíticas específicas.

Tais textos podem, no máximo, ser colocados sob um mesmo grande momento temático sem, no entanto, ter sua lógica particular ignorada. Isso explicaria, ao menos em tese, a grande flutuação conceitual e terminológica que há entre os textos.

2.5 Há uma diacronia do pensamento de Benveniste

Acreditamos que, se há alguma razão em considerar que cada texto tem uma lógica particular, então, não podemos ler sincronicamente o que foi escrito em uma diacronia: não é adequado ler os textos de Benveniste como se fossem contemporâneos um do outro. Respeitar a cronologia dos textos é fundamental. Benveniste operou deslocamentos em seu trabalho. Perseguir tais deslocamentos é delinear a diacronia de um pensamento em formação.

2.6 Há flutuação terminológica na teoria enunciativa de Benveniste

Há flutuação terminológica em Benveniste³. É muito fácil encontrar, nessa teoria, homônimas e sinonímias terminológicas.

Há homonímia terminológica dentro de um mesmo texto. O autor usa o mesmo vocábulo para conceitos muito diferentes entre si, dentro do mesmo texto. Por exemplo, o uso do termo *frase* no texto *Os níveis da análise linguística*. Há homonímia em textos diferentes: por exemplo, o uso de *forma* em *A forma e o sentido na linguagem* e em *Os níveis da análise linguística*.

Há sinonímia dentro de um mesmo texto, ou seja, o autor utiliza diferentes vocábulos para um mesmo conceito. Por exemplo: os usos de *situação de discurso* e de *instância de discurso* em *A natureza dos pronomes*. Há sinonímia em textos diferentes. Por exemplo: *instância do discurso*, em *A natureza dos pronomes*, e *enunciação*, em *O aparelho formal da enunciação*.

2.7 Há um princípio unificador da teoria

O princípio que atravessa toda a reflexão de Benveniste – inclusive os estudos que estão fora da chamada teoria da enunciação – é: *o homem está na língua/linguagem*. Aliás, ele só está na língua porque está na linguagem. E se é sobre a presença do homem na língua que Benveniste fala, sua linguística vai muito além do que conseguimos avaliar. Como

³ Fazemos uma análise muito mais detalhada desse aspecto em: FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Émile Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

ele mesmo diz, no fim de *O aparelho formal da enunciação*: “muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação [...]. Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 90).

Temos nos dedicado, nos últimos anos, a tentar estudar essas *formas complexas*. E, em nossa opinião, essas *formas complexas* são as inúmeras possibilidades de o *homem estar na língua*, de o homem singularizar-se, tornar-se sujeito. No entanto, o princípio epistemológico é um só e está explicitamente presente na teoria desde o texto *Da subjetividade na linguagem*, de 1958, e é recorrente em todos os outros, mesmo naqueles que não tratam diretamente da *enunciação*:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem. e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1988, p. 285)

Conclusão

Em termos de conclusão, cabe finalizar indicando as perspectivas de como uma tal leitura da teoria benvenistiana contribui para a consolidação de um discurso epistemológico acerca dessa teoria na linguística brasileira.

Um dos principais indicadores que nossa interpretação produz, na atualidade, no contexto da linguística brasileira, é o da possibilidade de construir um saber que, além de determinar criticamente os princípios, as hipóteses e os objetos construídos, também ajude a compreender como esse campo da enunciação se configurou dentro de uma organização sócio-política. Muito há ainda para ser feito.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral, 1*. São Paulo: Campinas, 1988.

_____. *Problemas de lingüística geral, 2*. São Paulo: Campinas, 1989.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci; FINATTO, Maria José; TEIXEIRA, Marlene, *Dicionário de lingüística da enunciação*. São Paulo, Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. Macroestrutura e microestrutura do dicionário de lingüística da enunciação e as balizagens epistemológicas de um campo: a teoria de Émile Benveniste em exame. In: PERNA, Cristina Lopes Perna; DELGADO, Heloísa Koch; FINATTO, Maria José. (Orgs.). *Linguagens especializadas em corpora: modos*

de dizer e interfaces de pesquisa. Linguagens especializadas em corpora: modos de dizer e interfaces de pesquisa. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2010, v. 1, p. 223-254.

____. O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis da análise linguística. In: BATTISTI, Elisa; COLLISCHONN, Gisela. (Orgs.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. 2010, v. 1, p. 45-57.

FLORES, Valdir do Nascimento. TEIXEIRA, Marlene. O campo da enunciação e a Análise do Discurso. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G.. (Orgs.). *Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010, v. 1, p. 41-62.